

INTERTEXTUALIDADES E CIRCULAÇÃO DE INFORMAÇÕES NO NORTE BRITÂNICO: OS REGISTROS DAS CRÔNICAS NORTÚMBRIAS (C. 616-793)

INTERTEXTUALITIES AND CIRCULATION OF INFORMATIONS IN NORTHERN BRITAIN: THE RECORDS OF THE NORTHUMBRIAN CHRONICLES (C. 616-793)

Kauê Junior Neckel*
neckel.kaue@gmail.com

RESUMO: O objetivo do artigo é revelar uma parte do conteúdo das *Crônicas Nortúmbrias* escrito a partir do reinado de Edwin da Nortúmbria (r. 616-632). Pelos intertextos de três crônicas insulares evidenciamos uma rede de circulação de informações sobre o norte Britânico. Analisamos as intertextualidades a partir das informações repetidas entre a *Crônica da Irlanda* (Armagh, c. 740-911), *Crônica Anglo-Saxônica* (Winchester, c. 890-1154) e *Anais de Gales* (St. Davids, c. 955-1203). Perguntamos: por que emergiram conexões intertextuais na produção de crônicas na Irlanda e Britânia? Sob a metodologia das Histórias Conectadas, nosso argumento central é que as *Crônicas Nortúmbrias* basearam os registros cronísticos entre o reinado de Edwin e o fim do século VIII.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas Nortúmbrias; intertextualidades; circulações.

ABSTRACT: The aim of this article is to reveal a part of the content of the *Northumbrian Chronicles* written from the reign of Edwin of Northumbria (r. 616-632). Through the intertexts of three insular chronicles, we highlight a network of information circulation about northern Britain. We analyze the intertextualities based on the repeated information among the *Chronicle of Ireland* (Armagh, c. 740-911), the *Anglo-Saxon Chronicle* (Winchester, c. 890-1154), and the *Annals of Wales* (St. Davids, c. 955-1203). We ask: why did intertextual connections emerge in the production of chronicles in Ireland and Britain? Under the methodology of Connected Histories, our central argument is that the *Northumbrian Chronicles* grounded the chronicle records between the reign of Edwin and the end of the 8th century.

KEYWORDS: Northumbrian Chronicles; intertextualities; circulation.

Introdução

No início da Idade Média, floresceu uma contínua tradição historiográfica nas ilhas da Irlanda e Britânia, as crônicas insulares. Conectadas por intertextualidades, essas crônicas repetem uma parte dos seus registros e nos revelam uma rede de circulação de informações. Na *Crônica da Irlanda (CI)*¹, escrita entre 740 e 911 por autores anônimos no monastério de

* Doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor substituto no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), campus Chapecó.

¹ Por uma questão de organização, usamos abreviaturas para fazer referência às crônicas insulares. As crônicas têm seu nome completo identificado a partir da primeira menção, mas optamos pelas abreviaturas a partir da segunda menção.

Armagh, no norte da Irlanda, foi registrado: “O batismo de Edwin, filho de Ælle, que foi o primeiro a abraçar a Fé nas terras dos Saxões” (*CI*, 625).² No MS A dos *Anais de Gales (AG)*, escritos por volta de 955 em St. Davids (Mynyw), no sul de Gales, foi relatado: “Ano em que Edwin é batizado e Rhun, filho de Urien [o batizou]” (*AG*, 627, MS A),³ enquanto no MS B foi registrado: “Ano em que Edwin é batizado por Paulino, bispo de Eboracum” (*AG*, 627, MS B)⁴. Na *Crônica Anglo-Saxônica (ASC)*, com escrita iniciada em c. 890 em Winchester (Wessex) foi relatado: “Aqui o rei Edwin foi batizado por Paulino” (*ASC*, 627).⁵ Esses três trechos com vínculos intertextuais descreveram Edwin da Nortúmbria, o único rei com batismo registrado repetidamente nas três crônicas insulares. Essas entradas definem a existência do principal legado de seu reinado, a saber, o documento que chamamos de *Crônicas Nortúmbrias (CNs)*.

O objetivo central do artigo é tipificar os trechos das *CNs* a partir das intertextualidades dessas três crônicas insulares. Perguntamos: por que emergiram conexões intertextuais na produção de crônicas na Irlanda e Britânia? Para respondermos a essa pergunta, pautamos nossa argumentação na ideia de que as *CNs* basearam, em considerável nível, a composição dessas três crônicas insulares citadas. É importante ressaltarmos que não definimos o documento em sua totalidade, mas vislumbramos uma parte dele que pode ser acessada pelo intertexto. Indicamos que a escrita das *CNs* foi iniciada na corte de Edwin, sob sua supervisão, e depois continuada em Wearmouth-Jarrow ou York até, pelo menos, c. 793. A partir desses espaços, as *CNs* chegaram até os cronistas em Winchester, Armagh e St. Davids.

A partir da metodologia das Histórias Conectadas, a exploração dos registros cronísticos pelo intertexto dialoga com a provocação de Marcelo Cândido da Silva sobre “ir além de uma compartimentação nacional da pesquisa histórica” (Cândido da Silva, 2020, p. 14), uma vez que aproxima os estudos sobre Britânia e Irlanda no início do medievo. Compartilhamos da ótica de Igor Salomão Teixeira, pois também acreditamos

que analisar esses elementos a partir de expressões narrativas, como as crônicas, é de fundamental importância e campo profícuo que certamente é

² Original em Latim: “Baptismum Etum [leg. Etuin] maic Elle, qui primus credit in reghionibus Saxonum.” (*AT*, 624; Hennessy, 1866, p. 177).

³ Original em Latim: “anus Etguin baptizatus est: Et run filius urbgen” (MS A; Gough-Cooper, 2016, p. 12).

⁴ Original em Latim: “Anus Guin baptizatus est a paulino episcopo eborac.” (MS B; Gough-Cooper, 2016, p. 12).

⁵ Original em Inglês Antigo: “Her wes Eadwine cining gefullod fram Pauline” (MS E; Irvine, 1983, p. 9). Todas as citações em Inglês Antigo são das obras da série *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition* disponibilizadas em domínio público em <http://asc.jebbo.co.uk>. Acessado pela última vez em 25 de agosto de 2024.

enriquecido pelas proposições da chamada história global/história conectada. (Teixeira, 2020, p. 4)

As crônicas insulares se originam de diferentes regiões das ilhas do Atlântico Norte. Portanto, compreender a circulação de informações entre os cronistas no início do período medieval nos permite evitar qualquer barreira historiográfica nacional, uma vez que essas informações cruzaram as fronteiras artificiais e modernas do Reino Unido e Irlanda.

Definimos a intertextualidade na perspectiva de Mikhail Bakhtin. O autor nos indica que “dois [ou mais] textos definem o texto como enunciado: sua intenção e a implementação da intenção. A interrelação dinâmica desses fatores, sua luta, molda o caráter do texto” (Bakhtin, 1977, p. 5). Entretanto, a exploração do intertexto precisa ser adaptada pela perspectiva conectada. A interrelação dinâmica dos textos cronísticos é um resultado da circulação de informações entre as ilhas da Irlanda e Britânia, pois a intertextualidade é uma das “pistas importantes que nos ajudam a definir a chave de elementos da conectividade e transmissão” (Subrahmanyam, 1997, p. 758). Mesmo que a perspectiva conectada não tenha sido parte das reflexões teóricas de Bakhtin e a intertextualidade não tenha pautado as reflexões de Subrahmanyam, aproximamos esses dois instrumentos. Ao relacionarmos essas concepções, definimos a metodologia de acesso às CNs por uma leitura qualitativa amparada no levantamento de dados quantitativos dos vínculos intertextuais das crônicas insulares. Como resultado, encontramos uma parte do conteúdo das CNs que baseou as circulações de informações dos textos cronísticos da Irlanda e Britânia.

As intertextualidades das crônicas insulares da Britânia e Irlanda: uma breve revisão bibliográfica

Inserimos esse artigo no circuito de análises conectadas em temporalidades anteriores a 1600 em ascensão no Brasil a partir dos dossiês publicados na *Revista de História da USP* (Cândido da Silva, 2020) e na *Esboços: História em abordagens globais* (Bovo & Bayard, 2020). No Brasil, pouco se explorou sobre o método conectivo aplicado às crônicas oriundas das ilhas do Atlântico Norte. Mesmo nos dossiês especializados na região durante o período medieval, como os recentes materiais publicados na revista *Antíteses* (Farrell & Albuquerque, 2022) e na revista *Diálogos Mediterrânicos* (Medeiros, 2024), a exploração documental das crônicas é parca, uma vez que o campo de estudos ainda não teve tempo o suficiente de amadurecer

nessa direção. Portanto, investigamos uma região que merece ser melhor explorada em suas produções crônicas.

Fora do Brasil, as pesquisas sobre as crônicas insulares da Britânia e Irlanda são abundantes, mas destacamos a ausência de uma análise intertextual que vincule as crônicas insulares em uma perspectiva que não seja compartimentalizadora. As *CNs* ainda não foram precisamente definidas pela historiografia especializada (Hughes, 1972; Mac Niocaill, 1975; Dumville & Grabowski, 1984; McCarthy, 1998, 2008; Charles-Edwards, 2006; Flechner, 2013; Cesario, 2016; Evans, 2010, 2017; Wadden, 2024). Os trechos que evidenciam intertextualidades nas crônicas insulares são secundários se vistos individualmente, embora já tenham sido identificados como componentes dessas crônicas pela historiografia há muito tempo. O exercício analítico do intertexto também não é novidade nos estudos sobre crônicas insulares medievais. A existência da *Crônica da Irlanda*, comprovada a partir dos numerosos vínculos intertextuais de anais irlandeses datados da metade final da Idade Média,⁶ é firmemente considerada pela historiografia desde a década de 1970 (Hughes, 1972; Mac Niocaill, 1975; Flechner, 2013). Grabowski e Dumville, na década de 80, sugeriram que “Anais do norte Britânico, usados também na compilação da ‘Crônica da Irlanda’, foram plenamente uma fonte principal dos Anais de Gales até o século VII (e possivelmente até o IX)” (Grabowski & Dumville, 1984, p. 122)⁷. Ou seja, as *CNs* já foram identificadas antes, mas ainda não foram precisamente tipificadas tampouco definidas como um documento da Nortúmbria. Desde 1998, Daniel McCarthy investiga os anais irlandeses. Ao identificar “problemas cronológicos encarando os historiadores”⁸ (McCarthy, 1998, p. 204), McCarthy busca “uma sequência de entradas textuais embebidas dentro de um aparato cronológico”⁹ (McCarthy, 2008, p. 2). Em suas investigações, McCarthy caracteriza os vínculos intertextuais das crônicas irlandesas, mas não alonga a investigação para o norte britânico. Durante o século XX, também por conta de os estudos ainda não terem amadurecido nessa direção, destacamos a ausência de exercícios de análise intertextual das crônicas insulares da Britânia e Irlanda em perspectiva conectada.

⁶ Sumariamente esses são: os *Anais de Tigernach (AT)* e a *Chronicum Scottorum (CS)*, que datam do século XII, os *Anais do Ulster (AU)* que datam do século XV.

⁷ Tradução livre de: “North British annals, used also in the compilation of the ‘Chronicle of Ireland’, were plainly a principal source of AC down to the late eighth (and possibly later ninth) century.”

⁸ Tradução livre de: “chronological problems facing historians”.

⁹ Tradução livre de: “a sequence of textual entries embedded within a chronological apparatus which distributes these entries across time”.

Em 2006, T. M. Charles-Edwards continuou a olhar para as sequências cronológicas da *CI*, mas colocou o desafio em identificar “o quanto [do documento] pertenceu à sua crônica-pai [...] a *Crônica da Irlanda*, como preservada nas suas crônicas-filhas, constitui a principal fonte narrativa para o início da história irlandesa”¹⁰ (Charles-Edwards, 2006, p. 1). A ‘crônica-pai’ a que o autor faz referência é a *Crônica de Iona (Clona)*, uma crônica escrita no monastério homônimo antes de 740, que foi primeiramente identificada por John Bannermann, cujas hipóteses sobre sua existência foram confirmadas por Gearóid MacNiocaill e resgatadas recentemente por Nicholas Evans (Bannermann, 1968, p. 149-170; MacNiocaill, 1975, p. 13; Evans, 2010, p. 2). Mesmo assim, o conjunto das *CNs* ainda não tinha sido tipificado. Em 2010, Evans apresentou possibilidades da existência de documentações anteriores ao identificar que um “problema maior é que na prática é muito provável que cronistas em diferentes centros compartilharam um estoque comum”¹¹ (Evans, 2010, p. 31). Compactuamos com essa hipótese. Acreditamos que um desses centros foi a Nortúmbria durante o reinado de Edwin entre 616 e 632. Desde 602, a Nortúmbria englobou uma miríade de comunidades de irlandeses, ingleses e bretões a partir de sua expansão que começou durante o reinado de Æthelfrith (r. 593-616).

Destacamos quatro textos recentes. Em 2013, Roy Flechner buscou “desafiar a classificação genérica da *Crônica [da Irlanda]* e outras crônicas europeias deste tipo como trabalhos de historiografia”¹² (Flechner, 2013, p. 1). Flechner foca seus estudos na *CI*, levanta dados dos acontecimentos descritos em Armagh entre 740 e 911, porém não conecta o documento com as crônicas da Britânia. Em 2016, Marilina Cesario também identificou os ativos “vínculos intertextuais entre os anais” (Cesario, 2016, p. 168) da *Crônica Anglo-Saxônica*. A historiadora investigou o uso da fórmula *fyrenne dracan*¹³ pelos cronistas ingleses (*ASC*, 793) ao descreverem os escandinavos, mas também não dialogou com os anais dos povos irlandeses e bretões. Em 2017, Nicholas Evans sugeriu que

as crônicas foram resultado de notícias viajando da localidade de um evento aos cronistas, elas refletem, em algum nível, redes de comunicação

¹⁰ Tradução livre de: “how much belonged to the parent-chronicle [...] the Chronicle of Ireland, as preserved in its daughter-chronicles, constitutes the principal narrative source for early Irish history”.

¹¹ Tradução livre de: “major problem is that in practice it is quite likely that chroniclers at different centres shared a common stock”.

¹² Tradução livre de: “challenge the generic classification of the Chronicle and other European chronicles of this kind as works of historiography.”

¹³ Inglês Antigo para ‘ferozes dragões’, trata-se de uma narrativa incomum nos relatos da *Crônica Anglo-Saxônica* quando foi descrito o saque dos Escandinavos em Lindisfarne, no ano de 793.

existentes e conexões sociais das quais as pessoas viajaram, trazendo informação com elas. (Evans, 2017, p. 140)¹⁴

Evans é preciso na ideia de que essas notícias compartilhadas entre as crônicas resultaram da circulação de informações. O autor investiga as intertextualidades das crônicas do norte britânico, mas não tipifica em quais entradas aconteceram essas conexões textuais. Em uma publicação de 2024, Patrick Wadden identificou que a natureza e a identidade das fontes irlandesas não são claras: “muitos dos eventos irlandeses registrados aqui lidam com uma extensão maior de conteúdo de textos narrativos, mas o relacionamento entre nosso texto e esses precisa de estudo posterior” (Wadden, 2024, p. 36).¹⁵ Justamente pela falta de um estudo mais robusto sobre o relacionamento entre os textos, um tema atual na historiografia especializada, operacionalizamos o intertexto como um instrumento para se acessar as *Crônicas Nortúmbrias*. Destacamos a ausência de um estudo que rompesse com a perspectiva compartimentalizadora dos Estados-nação modernos. Portanto, incluímos a ASC no diálogo com as crônicas da Irlanda e de Gales para ilustrar a forma que as CNs tiveram antes de serem diluídas nos registros feitos em Armagh, Winchester e St. Davids.

As Crônicas Nortúmbrias: trajetórias manuscritas e tipificação de conteúdo

Os dados tipológicos das CNs que levantamos abrangem o recorte entre 431 AD¹⁶, data do início do processo de cristianização dos Irlandeses, e 793 AD, que marca o começo do período de invasões Vikings na Britânia. O estoque comum das CNs foi agrupado a partir de c. 616-632 e sua escrita continuou contemporaneamente até, pelo menos, 793. Por isso, construímos duas tabelas. A primeira se refere ao *corpus* documental desses três documentos. A segunda ilustra o assunto das intertextualidades junto ao aparecimento das entradas repetidas em cada um dos manuscritos entre 431 e 793. No caso da *CI*, realizamos a identificação dos manuscritos dos anais irlandeses posteriores que descendem dessa primeira crônica, a saber, os *Anais do Ulster (AU)*, escritos em Lough Erne até c. 1489, a *Chronicum*

¹⁴ Tradução livre de: “chronicles were the result of news travelling from the location of an event to chroniclers, they reflect, to some extent, existing networks of communications and social connections by which people travelled, bringing information with them.”

¹⁵ Tradução livre de: “many of the Irish events reported here are dealt with at greater length in extant narrative texts, but the relationship between our text and these needs further study.”

¹⁶ ‘AD’ é a abreviação de *Anno Domini*, o sistema de datação utilizado nessas três crônicas para separar os eventos que ocorreram depois do nascimento de Cristo. O sistema ‘AD’ se distingue do sistema ‘AM’, *Anno Mundi*, geralmente utilizado em crônicas que fazem referência aos acontecimentos anteriores ao nascimento de Cristo, como crônica de Beda (c. 673-735), *De Temporibus Ratione*, também chamada de *Chronica Maiora* (Wallis, 1999).

Scottorum (CS) escrita em Clonmacnoise até c. 1150 e os *Anais de Tigernach* (AT), também escritos em Clonmacnoise até c. 1178.

Tabela 1 - os manuscritos-base das três crônicas insulares. Em verde, os manuscritos que fazem parte do conjunto central de intertextualidades das *Crônicas Nortúmbrias*.

<i>Documento</i>	<i>Abreviação/origem</i>	<i>Biblioteca</i>	<i>Catálogo</i>
<i>Crônica da Irlanda</i>	<i>Anais do Ulster (AU)</i>	Trinity College Dublin	MS 1282 (H 1.8)
<i>Crônica da Irlanda</i>	<i>Anais do Ulster (AU)</i>	Oxford Bodleian Library	MS Rawlinson B 489
<i>Crônica da Irlanda</i>	<i>Anais de Tigernach (AT)</i>	Oxford Bodleian Library	MS Rawlinson B 502
<i>Crônica da Irlanda</i>	<i>Anais de Tigernach (AT)</i>	Oxford Bodleian Library	MS Rawlinson B 488
<i>Crônica da Irlanda</i>	<i>Chronicum Scottorum (CS)</i>	Trinity College Dublin	MS 1292 (H 1.18)
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS A (<i>Crônica Parker</i>)	Cambridge Corpus Christi College	MS 173
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS A ² (<i>Cópia da Crônica Parker</i>)	British Library	MS Cotton Otho B XI
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS B (<i>Crônica de Abingdon</i>)	British Library	MS Cotton Tiberius A VI
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS C (<i>Crônica de Abingdon II</i>)	British Library	MS Cotton Tiberius B I
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS D (<i>Crônica de Worcester</i>)	British Library	MS Cotton Tiberius B IV
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS E (<i>Crônica de Peterborough</i>)	Oxford Bodleian Library	MS Laud 636
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i>	MS F (<i>Epítome Bilingue de Canterbury</i>)	British Library	MS Cotton Tiberius A VIII
<i>Anais de Gales</i>	MS A (<i>Genealogias Harleianas</i>)	British Library	MS Harley 3859
<i>Anais de Gales</i>	MS B (<i>Crônica Breviata</i>)	Londres, Public Record Office	MS E 164/1
<i>Anais de Gales</i>	MS C	British Library	MS Cotton Domitian A I
<i>Anais de Gales</i>	MS D (<i>Crônica de Wallia</i>)	Exeter Cathedral Library	MS 3514

Fonte: o autor, 2024.

A catalogação dos manuscritos da tabela 1 nos serve de base para identificarmos as intertextualidades entre as crônicas insulares que dão origem às *CNs* na tabela 2. Auferimos que quatro manuscritos descendem diretamente do núcleo central das *CNs* e são conectados pelas intertextualidades das três crônicas. No lado da *Crônica da Irlanda*, destacamos o MS 1282 do *Trinity College Dublin*. Preservado em pergaminho, foi escrito em irlandês e latim por Ruaidhrí Ó Luínín (m. 1528) no século XVI (McCarthy, 2013, p. 444-459). Na *ASC*, destacamos a *Crônica de Peterborough*, compilada no MS Laud 636 da *Oxford Bodleian Library*. Esse MS foi escrito em pergaminho na abadia de Peterborough entre 1121 e 1155. Nos *AG*, identificamos dois manuscritos. As *Genealogias Harleianas* estão no MS Harley 3859 da *British*

Library, foram escritas em Galês Antigo e Latim, entre 1100 e 1130, na abadia de St. Augustine em Canterbury. A *Crônica Breviata*, no MS E 164/1 do *Public Record Office* de Londres, foi escrita em pergaminho, no latim, em c. 1286, na abadia de Neath (Gough-Cooper, 2016).

Tabela 2 - a tipificação de conteúdo das *Crônicas Nortúmbrias*. Em verde, a ocorrência da entrada no respectivo manuscrito ou documento de origem.

(continua)

AD	MS de origem			AD	MS de origem					AD	MS de origem			Conteúdo da entrada repetida	
	CI	AU	AT		CS	ASC	A	B	C		D	E	AG		A
431					430										Missão de Paládio aos Irlandeses
432					430										Missão de Patrício aos Irlandeses
434					446						469				Chegada dos Anglos, Saxões e Jutos à Britânia
439											454				Nascimento de Brígida
452											454				Nascimento de Brígida
456											454				Nascimento de Brígida
457											457				Obituário de Patrício
461											457				Obituário de Patrício
492											457				Obituário de Patrício
493											457				Obituário de Patrício
524											521				Obituário de Brígida
526											521				Obituário de Brígida
563					565						562				Conversão dos Pictos (missão de Columba)
570											570				Obituário de Gildas
588											589				Conversão de Constantino da Dumnonia
599					596						595				Conversão dos Ingleses (missão de Augustino)
600					603										Batalha de Dægsastan
606											607				Obituário de Áedán da Dál Ríata
613					605						613				Batalha de Chester
					617						617				Ascensão ao trono de Edwin da Nortúmbria
625					627						626				Batismo de Edwin da Nortúmbria
629					634										Obituário de Osric da Bernícia

Tabela 3 - a tipificação de conteúdo das *Crônicas Nortúmbrias*. Em verde, a ocorrência da entrada no respectivo manuscrito ou documento de origem.

(conclusão)

631				633					630			Batalha de Hatfield Chase e obituário de Edwin
633									632			Obituário de Idris Gawr de Meirionydd
635				641					644			Batalha de Maserfield
639									644			Batalha de Maserfield
650				649								Obituário de Oswiu da Nortúmbria
650				649								Obituário de Aidán de Lindisfarne
650				656					659			Obituário de Penda de Mércia
656				654								Obituário de Anna da Ânglia Oriental
661				664					665			Sínodo de Whitby
685				684								Ataques de Ecgfrith da Nortúmbria ao reino de Brega
690				690								Obituário de Teodoro de Tarso
698				698								Rebelião dos Pictos
				705					704			Obituário de Aldfrith da Nortúmbria
701				716								Conversão de Iona para a Páscoa Romana
711				710								Massacre dos Pictos em Mag Mannon
716				716								Obituário de Osred da Nortúmbria
717									717			Conflito entre a Dál Ríata e os Bretões de Strathclyde
718				721								Obituário do <i>ætheling</i> Cuthwine
728									728			Batalha de Monad Croíb
729				729								Obituário de Ecgberht de York
735				734					735			Obituário de Beda
736									736			Obituário de Oengus, rei dos Pictos
750									750			Obituário de Talorgan, rei dos Pictos
757				757					757			Obituário de Æthelbald da Mércia
775									776			Obituário de Cináed, rei dos Pictos
794				793					796			Chegada dos Escandinavos

Fonte: o autor, 2024.

A partir da tabela 2, identificamos o conteúdo das *CNs* a partir de dois argumentos: 1) a quantidade de menções que carregam intertextualidades entre as crônicas dispostas nesses

quatro manuscritos remanescentes que indicam as *CNs* como produto do reinado de Edwin; 2) a quantidade de menções relacionadas ao norte britânico.

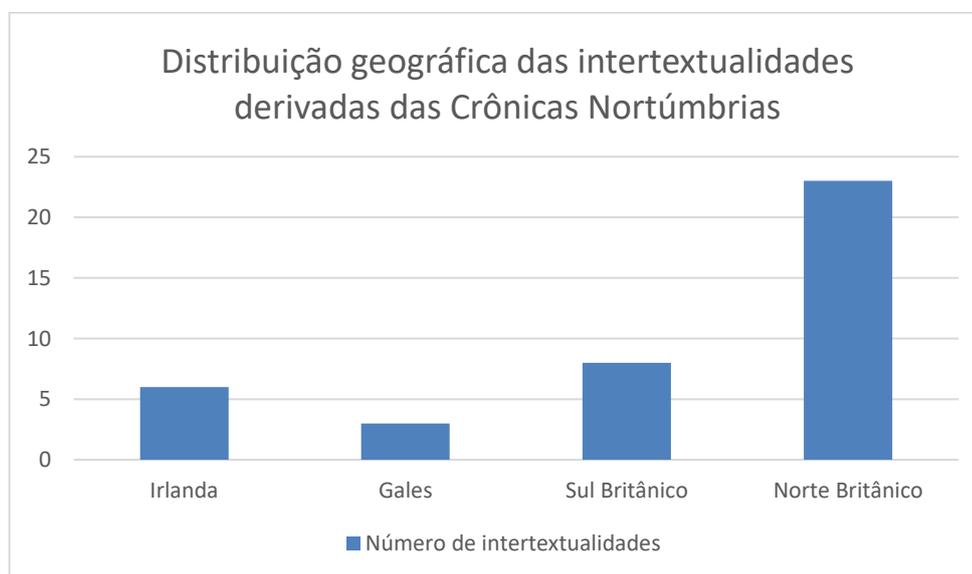
Em primeiro lugar, nos registros dos *Anais do Ulster* (TCD MS 1282), quase todas as entradas do manuscrito identificadas na tabela têm intertextualidades com as crônicas da Britânia, à exceção de dois trechos. A primeira exclusão corresponde ao batismo de Edwin (*CI*, 625). Nossa hipótese é de que o trecho foi removido depois de a *CI* ter saído de Armagh, em 911, para ocultar o ordenador da fonte inicial, embora ele tenha sido mantido em um segundo ramo de anais irlandeses, os *Anais de Tigernach* (*AT*, 625), o que assegura que o trecho foi registrado na *CI* e estava nas *CNs*. O segundo trecho corresponde à conversão de Iona para a Páscoa Romana (*CI*, 701). Acreditamos que ele tenha sido excluído dos *AU* porque expressa a derrota da Igreja dos Irlandeses contra a Sé Romana nas disputas pela datação da Páscoa, mas foi mantido nos *AT* e na *ASC* (*AT*, 701; *ASC*, 716), por isso, também foi registrado nas *CNs*. Dáibhi Ó'Cróinín sugere que a controvérsia da Páscoa era central na escrita das primeiras crônicas irlandesas, o que justifica a remoção do trecho dos *AU* (Ó'Cróinín, 1983, p. 74-86). Essa exclusão é especialmente controversa, pois é possível que as *CNs* tenham sido mantidas no mosteiro de York, local administrado pelo monge Ecgberht (678-729). A circulação de Ecgberht nos mosteiros irlandeses foi notável, dado que ele auxiliou na mudança na contagem de Páscoa em Iona (Woods, 2012, p. 2).

Nos manuscritos da *ASC*, na *Crônica de Peterborough* (Bod. Lib., MS Laud 636) manteve o corpo de menções das *CNs*, à exceção de três trechos do início do século VIII que foram excluídos dos MS D e E, mas que permaneceram nos MS A, B e C. O primeiro trecho excluído da *Crônica de Peterborough* é o obituário de Aldfrith da Nortúmbria (*ASC*, 705; *AG*, 704); o segundo é a conversão de Iona para a Páscoa Romana (*CI*, 701; *ASC*, 716); o terceiro é o obituário de Osred da Nortúmbria (*CI*, 716; *ASC*, 716). Auferimos que a exclusão do obituário desses dois reis se justifica, principalmente, pelas disputas políticas em torno da coroa Nortúmbria, uma vez que Aldfrith foi educado por monges irlandeses (Yorke, 2003, p. 86-94; Rodrigues da Silva, 2019, p. 182; Edmonds, 2020, p. 23-44). Ainda assim, tratamos de trechos que foram registrados nas *Crônicas Nortúmbrias*.

Em relação aos manuscritos dos *Anais de Gales*, quase todas as entradas das *CNs* são mantidas na *Crônica Breviata* (PRO MS E 164/1). A única entrada excluída dessa sequência foi o batismo de Edwin (*AG*, 626), o que nos sugere a hipótese de que o trecho foi

intencionalmente excluído na posteridade também para ocultar seu ordenador inicial. Há também uma exclusão no conteúdo das *Genealogias Harleianas* (Brit. Lib. MS Harley 3859) que descreveu a batalha de Hatfield Chase e tratou justamente da morte de Edwin da Nortúmbria (AG, 630). O confronto em Hatfield Chase opôs a Nortúmbria e uma aliança anglo-bretã de Penda de Mércia (r. 626-655) e Cadwallon ap Cadfan, rei de Gwynedd (r. 625-634). Nossa hipótese se mantém, uma vez que a exclusão do trecho se explica pelo fato de os cronistas galeses ocultarem a origem das *CNs*. Além disso, esse ocultamento da entrada se conecta com a contestada aliança dos Bretões de Gwynedd com Penda, um rei que ainda não tinha sido convertido ao cristianismo. O paganismo de Penda pode ter sido a motivação para os cronistas em St. Davids esconderem o trecho quando compilaram os *Anais de Gales* em 955, mas não foi motivo o suficiente para os cronistas Nortúmbrios ocultarem a figura de Penda, uma vez que ele é recorrentemente mencionado (Stenton, 1971, p. 177; Yorke, 2003, p. 103-110). A exclusão das informações referentes ao reinado de Edwin fortalece a hipótese de que os cronistas dos *AG*, *ASC* e *CI* utilizaram as *CNs*, mas ocultaram a origem dos seus conteúdos.

Figura 1 - Distribuição geográfica das intertextualidades derivadas das *Crônicas Nortúmbrias*



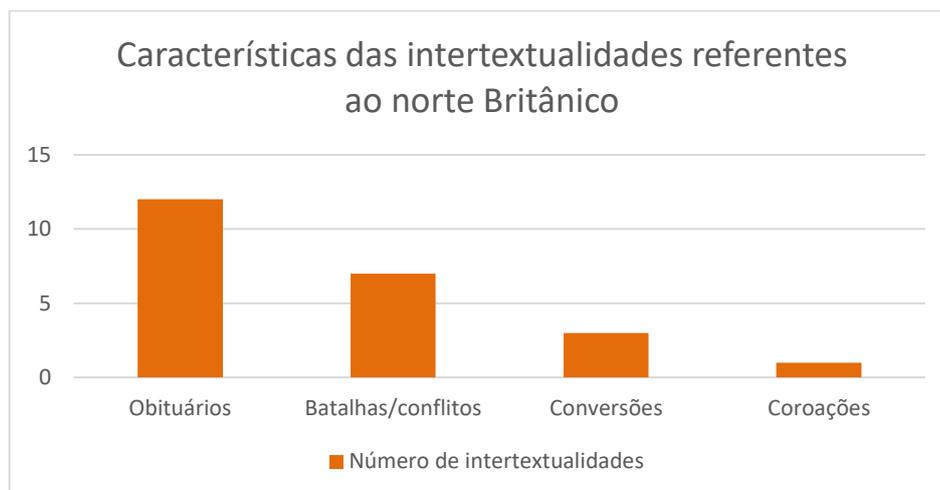
Fonte: o autor, 2024.

O que nos permite identificar as *CNs* como produto do reinado de Edwin da Nortúmbria é que o monarca é o único com ascensão ao trono (*ASC*, 617; *AG*, 617), batismo (*CI*, 625; *ASC*, 627; *AG*, 626) e obituário (*CI*, 631; *ASC*, 633; *AG*, 630) registrados nas intertextualidades das crônicas insulares. Nenhum outro rei da Nortúmbria ou de qualquer

outro reino adjacente carregou essa característica. Nossa hipótese de que as *CNs* foram inicialmente escritas sob sua autoridade se fortalece com esses registros se repetindo nas três crônicas posteriores. Acreditamos que o documento não teve sua escrita cessada com a morte do rei em 632. Os registros continuaram, pelo menos, até o fim do século VIII. A partir de 740, uma cópia das *CNs* foi movida para Armagh, no norte da Irlanda, para dar origem à *CI*, cuja crônica resultou da junção de textos irlandeses com crônicas da Britânia, a saber, as *CNs* e a *Clona* (Evans, 2010, p. 2).

Em uma segunda observação, indicamos que o reino da Nortúmbria foi o espaço de escrita dessas crônicas. Pelos dados quantitativos, sugerimos que as intertextualidades são majoritariamente de eventos do norte britânico. A distribuição dos acontecimentos registrados nas *Crônicas Nortúmbrias* foi variada, mas, muito por conta da proximidade dos eventos com o local registrado, o norte britânico foi predominante. Ao todo, foram 38 entradas repetidas entre a *ASC*, a *CI* e os *AG*. Dessas, 23 são referentes a eventos do norte britânico, 8 são referentes ao sul britânico, 6 se relacionam com o contexto da Irlanda e 3 menções são de eventos ocorridos em Gales. Não há homogeneidade em qualquer uma das regiões, por isso, indicamos que se estabeleceram diversificados corredores de circulação de informações, cujo núcleo central era o reino da Nortúmbria. Embora as menções de Gales, Irlanda e do sul Britânico sejam também relevantes e devam ser exploradas em um futuro, focamos nossas investigações no norte Britânico, pois ali foi o espaço de escrita das *Crônicas Nortúmbrias*. As características das informações que circularam eram, também, variadas. Das 23 referências ao norte britânico registradas nas *CNs*, 12 são obituários, 7 são menções a batalhas ou conflitos locais, 3 são referências a conversões e apenas uma intertextualidade escapa a essa característica, justamente a coroação de Edwin da Nortúmbria.

Figura 2 - Características das intertextualidades referentes ao norte Britânico



Fonte: o autor, 2024.

Os obituários são referentes aos reis e clérigos. Esses obituários seguem um padrão comum entre as três crônicas insulares em uma narrativa simples e direta. Tomamos como exemplo o registro de morte de Beda: “Beda, o sábio dos Saxões, descansou.” (CI, 735)¹⁷ “Beda, o padre, dormiu, foi quem compôs este livro de crônicas anualmente.” (AG, 735)¹⁸ “Nesse ano a lua pareceu como se tivesse impregnada com sangue, Tatwine e Beda morreram e Ecgberht foi consagrado bispo.” (ASC, 734)¹⁹ O uso de metáforas literárias, como o registro da ASC, não era incomum para fazer referência a mortes relevantes. Os obituários carregaram características recorrentes em outros textos medievais, como o uso dos termos *quies* (descansou), *dormit* (dormiu) com suas derivações no latim, ou *forþ ferdon* (partiram) e cognatos no inglês antigo. Possivelmente essa era uma característica que remonta à estrutura linguística das CNs, porém, devido às numerosas modificações, edições e incorporações que o documento teve na posteridade, é difícil determinarmos com precisão a base linguística dessas crônicas. Por se tratar de clérigos oriundos do norte britânico, reforçamos a hipótese

¹⁷ Original em Latim: “Beda sapiens Saxonum quieuit.” (AU, 734, TCD MS 1282 f. 29v; Hennessy, 1888, p. 190); “Beda sapiens Saxonum, quieuit.” (AT, 734; Hennessy, 1866, p. 239);

¹⁸ Original em Latim: “anus Beda presbiter dormit.” (MS A; Gough-Cooper, 2016, p. 21); “Anus Beda pesbiter dormit” (MS B; Gough-Cooper, 2016, p. 21); “Beda presbiter mortuus est. qui hunc librum cronicum annuatim composuit;” (MS C; Gough-Cooper, 2016, p. 21).

¹⁹ Original em Inglês Antigo: “Her wæs se mona swelce he wære mid blode begoten; 7 ferdon forþ Tatwine 7 Bieda.” (MS A; Irvine, 1983, p. 13); “Her wæs se mona swylce he wære mid blode begoten, 7 forðferdan Tatwine 7 Beda.” (MS B; Taylor, 1983, p. 11); “Her wæs se mona swilce he wære mid blode begoten, 7 ferdan forð Tatwine 7 Beda.” (MS C; O’Keeffe, 1983, p. 11); “Her wæs se mona swylce he wære mid blode begoten, 7 forðferde Tacwine arcebiscop, 7 eac Beda, 7 Ecgberht man gehalgode to biscope.” (MS D; Cubbin, 1983, p. 5); “Her wæs se mona swilce he wære mid blode begoten, 7 Tatwine forðferde ercebiscop 7 eac Beda, 7 man gehalgode Ecgbriht to biscope.” (MS E; Irvine, 1983, p. 17).

de que as *CNs* resultam de circulações de informações cujo núcleo é o reino da Nortúmbria. Dado que esses mesmos clérigos transmitiram informações para as escritas nos *AG*, *CI* e *ASC*, houve a conexão dos textos, produzindo intertextualidades.

Em relação aos obituários de reis, o primeiro registro foi a morte de Aedán mac Gabráin (*CI*, 606; *AG*, 607), rei da Dál Ríata. Esse foi o único dos obituários do norte britânico registrados nas *CNs* que fez referência a um rei de origem irlandesa. Após isso, aparecem dois obituários de reis da Nortúmbria, Osric da Bernícia (*CI*, 629; *ASC*, 634) e Oswiu da Nortúmbria (*CI*, 650; *ASC*, 651), que antecedem um obituário de um rei de Mércia, Penda (*CI*, 650; *ASC*, 656; *AG*, 659), cuja morte aconteceu na batalha de Winwæd, no norte britânico. Após isso, novamente, os obituários da realeza foram registrados para dois reis Nortúmbrios, Aldfrith (*ASC*, 705; *AG*, 704) e Osred (*CI*, 716; *ASC*, 716). Depois, as intertextualidades das crônicas insulares nos indicam que as *CNs* registraram obituários de três reis Pictos, Oengus (*CI*, 736; *AG*, 736), Talorgan (*CI*, 750; *AG*, 750) e Cináed (*CI*, 775; *AG*, 776). A presença desses obituários de reis Pictos nos sugere um ativo corredor de informações entre as realezas dos Pictos e dos Nortúmbrios entre as décadas de 730 e 770 no norte britânico, atestado pelo registro das *CNs*. Esse corredor de informações entre Pictos e Nortúmbrios foi consistente, dado que os óbitos de reis Pictos são mais numerosos que de reis Mércios. Mesmo que os Nortúmbrios e Mércios fizessem parte da chamada *gens Anglorum* de Beda (Neckel, 2021, p. 80-134), termo latino para ‘povos Ingleses’, as conexões intertextuais estavam consideravelmente mais vinculadas aos Pictos. Isso nos sugere que o registro desses eventos perpassa pela transitoriedade de informações entre as comunidades do norte britânico, sem que uma fronteira que separasse Pictos e Ingleses tenha se efetivado. Por outro lado, as comunidades em que esses povos habitavam estavam em constante contato.

Sobre os obituários de membros da Igreja do norte britânico, as *CNs* registraram o obituário de Aidán, bispo irlandês de Lindisfarne (*CI*, 650; *ASC*, 651), Ecgberht, arcebispo de York (*CI*, 729; *ASC*, 729) e Beda, erudito Nortúmbrio de Wearmouth-Jarrow (*CI*, 735; *ASC*, 734; *AG*, 735). Não houve uniformidade nas menções, o que nos impossibilita atribuir a localidade de produção das *CNs* para um único mosteiro do norte britânico. Por essas menções, nossa hipótese é de que a escrita das *CNs* tenha se dado, inicialmente, na corte de Edwin e depois continuado em Wearmouth-Jarrow ou York, especialmente por conta dos registros dos obituários de Beda e Ecgberht somados ao crescente intercâmbio de clérigos e monges entre

os dois mosteiros (Edmonds, 2020, p. 99-126; Johnston, 2013, p. 59-91). Lindisfarne nos parece uma localidade improvável, dado que foi registrada a pilhagem e incêndio do mosteiro em 793 pelos escandinavos (ASC, 793). Se se tivesse mantido uma crônica ali, certamente as informações não teriam chegado em Winchester, em c. 890, para serem reproduzidas na ASC.

Os registros de conflitos do norte britânico foram recorrentes nas *Crônicas Nortúmbrias*. A primeira batalha nos intertextos é a de Degsastan em c. 602. Essa batalha foi vencida pelos Nortúmbrios, sob a liderança de Æthelfrith, contra uma aliança entre irlandeses, bretões e pictos, sob a liderança de Áedán mac Gabráin da Dál Riata (r. 574-609) e Máel Umái dos Úi Néill (m. 608). Degsastan inaugurou uma era de amplo domínio político da Nortúmbria no norte das ilhas Britânicas (Edmonds, 2020, p. 23-44; Yorke, 2003, p. 83-86). Os cronistas ingleses registraram na ASC que “Nesse ano Aedan, rei dos Irlandeses, lutou junto com o povo da Dal Riada contra Æthelfrith, rei dos Nortúmbrios, em Degsastan, e quase todo seu exército foi morto.”²⁰ (ASC, 603). Os cronistas irlandeses, por outro lado, mudam a narrativa nos dois documentos remanescentes. Nos *Anais do Ulster* foi registrado sobre “a batalha dos Saxões na qual o vitorioso é Aedán.”²¹ (AU, 599), enquanto nos *Anais de Tigernach* foi escrito: “A batalha dos Saxões, lutada por Áedán, onde Eanfrith, o irmão de Æthelfrith, foi morto por Máel Umai, filho de Báetán, na qual Áedán foi morto.”²² (AT, 600). Embora não apareça nos *Anais de Gales*, nossa hipótese é de que as informações sobre a batalha de Degsastan foram editadas posteriormente, mas estavam presentes nas CNs.

Outros intertextos de batalhas nos indicam que as CNs registraram o conflito lutado em Chester, em cerca de 615, entre os exércitos de Æthelfrith da Nortúmbria e do bretão Selyf ap Cynan (m. 615), rei de Powys. Os cronistas Irlandeses registraram “A batalha de Caer Legion, onde homens sagrados foram mortos e Selyf, filho de Cynan, rei dos Bretões, caiu, o rei Cetula caiu, Æthelfrith foi o vitorioso, quem morreu logo em seguida.” (CI, 613)²³ Os

²⁰ Original em Inglês Antigo: “Her Ægðan Scotta cining feaht wið Deolreda 7 wið Æðelferþe Norðhymbra kining æt Dægsanstone, 7 man ofsloh mæst ælne his here. þær man ofsloh Theodbald Æðelferðes broðor mid eallan his weorode. Ne dorste siððan nan Scotta cininga lædan here on þas þeoda.” (MS E; Irvine, 1983, p. 8).

²¹ Original em Latim: “7 bellum Saxonum in quo uictur est Aedan.” (AU, 599, TCD MS 1282 f. 21v; Hennessy, 1887, p. 78)

²² Original em Latim Hibernico: “Cath Saxonum la hAedan, ubi cecidit Eanfraith frater Etalraich la Maeluma mac Baedan, in quo uictus erat.” (AT, 599; Hennessy, 1866, p. 166).

²³ Original em Latim Hibernico: “Bellum Caire legion ubi sancti occisisunt, 7 cecidit Solon mac Conaen rex Britanorum.” (AU, 612, TCD MS 1282 f. 22r; Hennessy, 1887, p. 88). “Cath Caire Legion ubi sancti occissi sunt, et

cronistas Galeses, em St. Davids, descreveram “A batalha de Caer Legion. E ali morreu Selyf, filho de Cynan.” (AG, 613)²⁴. Já os cronistas ingleses registraram: “[...] E Æthelfrith liderou seu exército para Chester e lá matou inumeráveis Bretões [...]” (ASC, 605).²⁵ As informações sobre o conflito circularam entre a Irlanda, Gales e o sul da Inglaterra, em que a batalha de Chester, no norte britânico, foi um ponto de vínculo entre essas regiões.

Outros três conflitos registrados nos intertextos nos indicam que as *CNs* relataram levantes dos Pictos contra o domínio Nortúmbrio. Foi registrada uma rebelião em 698 (*CI*, 698; *ASC*, 698), um massacre em Mag Mannon (*ASC*, 710; *CI*, 711) e uma batalha lutada em Monadh Croíb (*CI*, 728; *AG*, 728). Os cronistas irlandeses registraram: “Uma batalha entre os Saxões e os Pictos na qual caiu o filho de Bernith, a quem é chamado de Brectrid.” (*CI*, 698)²⁶ Na *ASC*, os Ingleses afirmaram “Aqui os Pictos mataram o *ealdorman* Brihtred.”²⁷ (*ASC*, 699). A rebelião de 698 nos sugere uma perspectiva Nortúmbria do evento, uma vez que Brihtred, personagem central dos trechos, tinha um nome de origem inglesa.

Uma outra referência aos conflitos foi o saque de Lindisfarne, em 793. Identificamos duas referências cruzadas nos *AG* e *CI* em que os cronistas registraram: “A primeira chegada dos gentios [Nórdicos] dentre os Irlandeses meridionais” (*AG*, 796)²⁸; “Devastação de todas as ilhas da Britânia por gentios” (*CI*, 794).²⁹ Já os cronistas ingleses adicionaram uma narrativa própria: “e pouco depois disso, no mesmo ano, em 8 de janeiro, as incursões de homens pagãos devastaram a Igreja de Deus na ilha de Lindisfarne pelo saque e pela chacina” (*ASC*,

cecidit Solon mac Conaín rex Bretanorum et Cetula rex cecidit. Etalfraidh uictor erat, qui post statim obít.” (*AT*, 612; Hennessy, 1866, p. 170).

²⁴ Original em Latim: “Anus Gueith cair legion. Et ibi cecidit selim filíí Cinan. Et Iacobi filíí Beli dormitatio.” (*MS A*; Gough-Cooper, 2016, p. 12); “Anus bellum Kairlion in quo Seysil filius Chinan et Iago filius Beli moriuntur cum multis aliis.” (*MS B*; Gough-Cooper, 2016, p. 12); “Bellum Cair Legion, in quo Silla filius Kenan cecidit.” (*MS C*; Gough-Cooper, 2016, p. 12).

²⁵ Original em Inglês Antigo: “And her Æðelfrið lædde his færde to Legercyestre, 7 ðar ofsloh unrim Walena.” (*MS A*; Bately, 1983, p. 8); “And her Æðelfrið lædde his ferde to Legaceastre 7 þær ofsloh unrim Walana.” (*MS E*; Irvine, 1983, p. 8)

²⁶ Original em Latim: “Bellum inter Saxones et Pictos ubi cecidit Bernit qui dicebatur Brectrid.” (*AU*, 697, TCD MS 1282 f. 26v; Hennessy, 1887, p. 146); “Cath eter Saxones et Pictos, uibi cecidit filius Berníth, qui dicebatur Brechtraidh.” (*AT*, 697; Hennessy, 1866, p. 216).

²⁷ Original em Latim: “Her Pyhtas slogon Berht ealdorman.” (*MS E*; Irvine, 1983, p. 16).

²⁸ Original em Latim: “anus Primus aduentus gentilium. apud dexterale ad hiberniam” (*MS A*; Gough-Cooper, 2016, p. 24); “Anus primus aduentus gentilium in hiberniam” (*MS B*; Gough-Cooper, 2016, p. 24); “Gentiles uenerunt ad yberniam.” (*MS C*; Gough-Cooper, 2016, p. 24).

²⁹ Original em Latim: “Anno Domini Dccxcij. Vastatio omnium insolarum Britannie a gentibus.” (*AU*, 793, TCD MS 1282 f. 35v; Hennessy, 1887, p. 274).

793).³⁰ Como afirmam as hipóteses de Marilina Cesario, a mudança de fórmula narrativa foi fruto de uma edição ocorrida depois do século IX, quando o conteúdo das *CNs* já tinha sido reconfigurado em Worcester e Peterborough nos MS D e E da *ASC* (Cesario, 2016, p. 155). Pelo intertexto da *ASC* conectado com os *AG* e a *CI*, indicamos que os cronistas ingleses que escreviam em Winchester em 890-2 utilizavam os conteúdos das *CNs*, mas moldaram sua narrativa para ficar mais amigável à perspectiva de Alfredo de Wessex na escrita da *ASC*.

Outros três vínculos intertextuais sobre o norte britânico são conversões: a missão do monge irlandês Columba aos Pictos (*CI*, 563; *AG*, 562; *ASC*, 565), o batismo de Edwin (*CI*, 625; *AG*, 627; *ASC*, 627) e a mudança de Iona para a contagem da Páscoa Romana (*CI*, 701; *ASC*, 716). Especialmente a missão de Columba demonstra a ligação entre as crônicas e os processos de conversão coletiva, portanto, é muito possível que as *CNs* tenham sido mantidas em ambiente monástico após terem saído da corte de Edwin.

Por fim, a ascensão ao trono de Edwin da Nortúmbria foi a única coroação nos intertextos das crônicas insulares. O trecho foi excluído pelos cronistas irlandeses, mas assim foi registrado pelos cronistas ingleses e galeses: “Edwin, prole de Ælle, sucedeu ao reino e conquistou toda a Britânia, exceto apenas pelos habitantes de Kent, e expulsou os *æthelings*, os filhos de Æthelfrith” (*ASC*, 617);³¹ “Edwin começa seu reinado” (*AG*, 617).³² O motivo da exclusão pelos cronistas irlandeses se justifica pela não-admissão do domínio dos povos ingleses sobre os irlandeses no norte britânico. Ainda assim, destacamos essas entradas por se tratarem da única ascensão ao trono que aparece nos intertextos das crônicas, portanto, é um indício sólido de ordenação das *Crônicas Nortúmbrias*.

Conclusão

No início desse artigo, questionamos: por que emergiram conexões intertextuais na produção de crônicas na Irlanda e Britânia? Nossa resposta para essa inquietação se

³⁰ Original em Inglês Antigo: “7 litel æfter þam, þæs ilcan geares on .vi. Idus Ianuarii, earmlice hæþenra manna hergunc adilegode Godes cyrican in Lindisfarnae þurh hreaflac 7 mansliht.” (MS D; Cubbin, 1983, p. 9); “7 litel æfter þam þæs ilcan geares on .vi. idus Ianuarii earmlice heðenra manna hergung adiligode Godes cyrican in Lindisfarnae þurh reafac 7 mansleht. 7 Sicga forðferde on .viii. calendas Martii.” (MS E; Irvine, 1983, p. 21).

³¹ Original em Inglês Antigo: “Her wærð Æðelfrið Norðhymbra cining ofslagen fram Reodwalde Eastengla cininge, 7 Eadwine Ælling feng to rice 7 geyde eall Brytene buton Cantware anre 7 adrefde ut þa eðelings” (MS E; Irvine, 1983, p. 9).

³² Original em Latim: “anus Et guin incipit regnare .” (MS A; Gough-Cooper, 2016, p. 12); “Anus Guin regnare cepit.” (MS B; Gough-Cooper, 2016, p. 12); “Eadwinus saxonicus incepit regnare depulso cadwallone.” (MS C; Gough-Cooper, 2016, p. 12).

fundamenta na ideia de que Edwin da Nortúmbria ordenou o início da escrita das *CNs*. Por conta dessa ordenação, as crônicas que posteriormente utilizaram seus conteúdos, nossas fontes diretas (*ASC*, *CI* e *AG*) carregam intertextualidades em trechos comuns. Em específico, o norte britânico ascende como o ponto central de conexão entre os povos ingleses, irlandeses e galeses. Assim, sugerimos que as *CNs* começaram a ser escritas em algum momento do reinado de Edwin entre 616 e 632 e continuaram até, pelo menos, 793, mas podem também ter se alongado ao século IX.

Indicamos a Nortúmbria como o ponto central de escrita, uma vez que Edwin teve batismo, ascensão ao trono e obituário registrados nas intertextualidades das crônicas insulares. Por conta dessa evidência, fundamentamos nossa resposta central para divergir de parte da historiografia que considerava que as *CNs* eram anais dos Bretões Setentrionais. Indicamos que a escrita das *CNs* se iniciou na corte de Edwin e continuou a ser reproduzida nos mosteiros de Wearmouth-Jarrow ou York nas temporalidades posteriores.

As intertextualidades são uma parte ativa das formas de se investigar as Histórias Conectadas. Ao tipificarmos os registros das *Crônicas Nortúmbrias*, quebramos qualquer compartimentalização nacional sobre os povos ingleses, galeses e irlandeses e entre as ilhas da Irlanda e Britânia no início da Idade Média. Nesse contexto, os dados aqui apresentados ilustram o potencial da abordagem conectada na investigação dos intertextos. As conexões intertextuais são uma ferramenta eficiente de se investigar as formas de registro das crônicas e, portanto, nos permitem identificar os pontos de circulação entre as populações do Atlântico Norte. O norte britânico, sem dúvida, foi um ponto de contato de informações cronísticas.

FONTES

BATELY, J. *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition*, v. 3. Londres: D.S. Brewer, 1983.

CHARLES-EDWARDS, T. M. (ed.). *The Chronicle of Ireland*. Liverpool: Liverpool University Press, 2006.

CUBBIN, G. P. *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition*, v. 6. Londres: D.S. Brewer, 1983.

DUMVILLE, D. KEYNES, S. TAYLOR, S. *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition*, v. 7. Londres: D.S. Brewer, 1983.

DUMVILLE, D. TAYLOR, S. *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition*, v. 4. Londres: D.S. Brewer, 1983.

GOUGH-COOPER, Henry. *Annales Cambriae: A, B and C in parallel, from St. Patrick to AD 954*. Published online by the Welsh Chronicles Research Group: < <http://croniclau.bangor.ac.uk/index.php.en> >. 2016.

HENNESSY, William. *Annals of Ulster: a Chronicle of Irish affairs from A.D. 431 to A.D. 1550*. Dublin: Alexander Thom & Co., 1887.

HENNESSY, William M. *Chronicum Scottorum: from the Earliest Times to AD. 1135*. Londres: Longmans, Green, Reader e Dyer, 1866.

IRVINE, S. *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition, v. 7*. Londres: D.S. Brewer, 1983.

O'KEEFFE, Katherine. *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition, v. 5*. Londres: D.S. Brewer, 1983.

SWANTON, Michael (ed.). *The Anglo-Saxon Chronicles*. London: The Phoenix Press, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANNERMAN, John. Notes on the Scottish entries in the early Irish annals. *Scottish Gaelic Studies*, n. 11, 1968. P. 149-170.

BAKHTIN, Mikhail. The Problem of the Text (an essay in philosophical analysis). *Soviet Studies in Literature*, n. 14, v. 1, p. 3-33, 1977.

BOVO, Claudia Regina. BAYARD, Adrien. Histórias Conectadas da Idade Média: abordagens globais antes de 1600. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 27, n. 44, 2020. p. 10-16.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. Uma História Global antes da Globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História (USP)*, n. 179, 2020. p. 1-19.

CESARIO, Marilina. Fyrenne Dracon in the Anglo-Saxon Chronicle. HYER, Maren Clegg (org.). *Textiles, text, intertext: essays in honour of Gale R. Owen-Crocker*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

DUMVILLE, David. GRABOWSKI, Kathryn. *Chronicles and Annals of Mediaeval Ireland and Wales*. Londres: The Boydell Press, 1984.

EDMONDS, Fiona. *The Gaelic Influence in the Northumbrian Kingdom*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2020.

EVANS, Nicholas. News Recording and Cultural Connections between Early Medieval Ireland and Northern Britain. In: COOIJMANS, Christian (ed.). *Traversing the Inner Seas: contacts and continuity in and around Scotland, the Hebrides and the North of Ireland*. Edimburgo: The Scottish Society for Northern Studies, 2017. p. 140-169.

EVANS, Nicholas. *The present and the past in medieval Irish Chronicles*. Woodbridge: Boydell Press, 2010.

FARRELL, Elaine P. ALBUQUERQUE, Isabela. Ilhas do Atlântico Norte na Antiguidade e Medievo. *Antíteses*, v. 15, n. 30, 2022. p. 15-22.

FLECHNER, Roy. Chronicle of Ireland: then and now. *Early Medieval Europe*, n. 21, v. 4, 2013.

FOSTER, Sarah. *Picts, Gaels and Scots*. New York: BT Batsford, 2004.

HUDSON, Benjamin. *The Picts*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2014.

HUGHES, Kathleen. *Early Christian Ireland: introduction to the sources*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Primeira edição de 1972.

JOHNSTON, Elva. *Literacy and Identity in Early Medieval Ireland*. Woodbridge: The Boydell Press, 2013.

MAC NIOCAILL, Gearóid. *The medieval Irish annals*. Dublin: Four Courts Press, 1975.

MCCARTHY, Daniel. Ruaidhrí Ó Caiside's contribution to the Annals of Ulster. In: DUFFY, Seán (ed.). *Princes, prelates and poets in medieval Ireland: essays in honour of Katharine Simms*. Dublin: Four Courts Press, 2013. p. 444-459.

MCCARTHY, Daniel. The chronology of the Irish Annals. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, v. 98C, n. 6, 1998. P. 203-255.

MCCARTHY, Daniel. *The Irish annals: their genesis, evolution and history*. Dublin: Four Court Press, 2008.

MEDEIROS, Elton. O Atlântico Norte Antigo e Medieval – Diálogos e Conexões. *Diálogos Mediterrânicos*, n. 25, 2023. p. 1-4.

NECKEL, Kauê J. *Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2021. p. 80-134.

Ó CRÓINÍN, Dáibhi. Early Irish annals from Easter tables: a case restated. *Peritia*, n. 2, 1983, p. 74-86.

RODRIGUES DA SILVA, Renato. As relações entre as esferas laicas e eclesíásticas na aristocracia da Nortúmbria no século VIII. *História Revista (UFG)*, v. 24, n. 1, 2019. p. 169-185.

STENTON, Frank. *Anglo-Saxon England*. 3ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1971. Primeira edição de 1942.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 3, jul/1997.

TEIXEIRA, Igor Salomão. Comunicação política entre Angevinos e Aragoneses em Palermo na Crônica da Sicília (séculos XIII e XIV): exercício de história conectada. *Revista de História (USP)*, n. 179, 2020.

WADDEN, Patrick. The Irish World Chronicle in the First Fragment of the Annals of Tigernach. In: CLARKE, Michael. POPPE, Erich. TORRENCE, Isabelle (eds). *Classical Antiquity and Medieval Ireland: an anthology of Medieval Irish texts and interpretations*. Suffolk: Bloomsbury, 2024. p. 27-40.

WALLIS, Faith (ed.). *Bede: the Reckoning of Time*. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.

WOODS, David. Adomnán, plague and the Easter controversy. *Anglo-Saxon England*, v. 40, 2012. p. 1-13.

YORKE, Barbara. *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. Londres e Nova Yorke: Routledge, 2003.